

NA INTERFACE ENTRE A LÍNGUA E A LITERATURA: LEITURA, INTERPRETAÇÃO, COMPREENSÃO

Maria Cleci Venturini

A leitura, conforme defende Orlandi (2004), passa por três fases e faz parte de um processo que envolve a memória e discursos que circularam antes em outros lugares. Na Revista Interfaces e no Programa de Pós-graduação em Letras – Mestrado e Doutorado – da UNICENTRO, ‘olhamos’ para as materialidades a serem ‘lidas’ pelas interfaces, especialmente, no que se refere à Literatura, a qual é sempre lida a partir de uma língua, não ‘escapando’ de suas regras, nem dos processos pelos quais ela pode ser ‘trapaceada’, trabalhada, fazendo com que os sentidos deixem de ser homogêneos.

A leitura – no seu primeiro estágio – contempla a entrada em contato com a materialidade, já a segunda, relativa à interpretação, considera a formulação como discurso (efeito de sentidos entre A e B), conforme Pêcheux ([1969], 2019), ocorrendo entre sujeitos, que são interpelados ideologicamente e atravessados pelo inconsciente. Desse modo, consideram as condições de produção de cada texto publicado na revista, da própria materialidade, cada articulista e pesquisador, entendendo que cada um se debruça sobre o arquivo e elege o dispositivo teórico-metodológico, instaurando efeitos de sentidos e construindo evidências que desnudam, reproduzem e transformam acontecimentos, sujeitos, obras literárias, conceitos que significam a formação social. Já a compreensão, terceiro estágio, abarca, também, as memórias e os discursos que circularam antes em outros lugares, sinalizando para o movimento de sentidos.

Vale destacar, com o que dissemos antes, a missão da Revista Interfaces é dar visibilidade à língua fazendo sentido não só a partir da Linguística e nem só em pesquisas que a tomam nela mesma, mas a partir do que, na área de Letras fazemos, como pesquisadores e estudiosos que veem também a exterioridade, o que é dito, mas também, o que não é dito, as memórias visibilizadas, destacadas e também aquelas que ‘ameaçam’, são ‘ameaçadas’ constituídas, como nos diz Robin (2016, p. 215) “de fragmentos, de retalhos mais ou menos deslocados, ocultos, esquecidos, que grupos ou indivíduos procuram fazer vir à tona, grupos de vítimas da história que pedem o que lhes é devido [...]”. A história, nesse dizer, traz a Shoá, mas poderia trazer a ditadura na Argentina, no Brasil e em outros países. Com relação à atualidade, poderia estar trazendo a invasão da Rússia à Ucrânia ou a dominação de países poderosos que buscam

‘engolir’, dominar, subjugar países que, podem lhes trazer vantagens econômicas, enfim, mais poder.

Na escritura, conforme Barthes (2007, p. 9), “o saber reflete incessantemente sobre o saber, segundo um discurso que não é mais epistemológico, mas dramático”, fazendo com que a língua “rumoreje” (BARTHES, 2012) e deixe de ser tirana e fechada nela mesma, fazendo com que o saber tenha sabor e sempre mais saber. Vemos, além disso, que é pela língua que a Literatura pode trazer à tona as memórias subterrâneas e silenciadas. Tomando as interfaces, que se faz por escrituras, que a Revista Interfaces, em seu primeiro número do ano de 2022, traz vinte artigos e procura, a partir dessas formulações, abarcar um número grande de programas de pós-graduação e de pesquisadores em formação e pesquisadores que ‘formam’ outros pesquisadores, promovendo discussões e dizemos promovendo discussões por compreender que o texto publicado é perene, tem uma circulação que permanece por mais tempo, especialmente, por estar disponível e ser de livre acesso. Desse modo, apresentamos esse número, saudando a UFSM (RS), A UFPB (Pernambuco), UNICENTRO, UEM (PR), UNICAMP (Campinas/SP), UNISUL, UFSC (SC), UFR (MT), UESB (BAHIA), UECE (Ceará), UFCat – Universidade Federal do Catalão (Goiás), UFAL (Alagoas) e dizendo do muito que significa para a UNICENTRO e para o Programa de Pós-Graduação em Letras ser este lugar que promove a divulgação do saber e se propõe a ser interface – um lugar de entremeio.

No artigo, “Em busca por genealogias: memória e deslocamento nas literaturas de fluxos migratórios”, Dionei Mathias (UFSM) objetiva discutir a intersecção entre o conceito de memória e de literatura de fluxos migratórios. O autor assevera que, embora não seja fenômeno recente na literatura, observa-se uma intensificação, a partir da metade do século XX. Considerando dois vetores paradigmáticos (memórias da origem e

novas práticas memoriais no país de assentamento), o artigo ilustra sua argumentação com o romance “Mano”, de Anja Tuckermann, o qual narra a “a história de um menino pertencente à minoria étnica rom, cuja família migra da Hungria para Alemanha, no período pré-nazista. O texto ilustra, de forma paradigmática, a complexidade da dinâmica memorial na literatura de fluxos migratórios.”

Roberta Tiburcio Barbosa (UFPB) traz, no artigo “Brincando com as palavras: construção da identidade brasileira em Macunaíma”, uma análise sobre como as palavras usadas no “léxico macunaímico” constroem a noção de nação brasileira. Alicerça-se, a fim de dar conta do objetivo central do trabalho, em pesquisa bibliográfica acerca da semântica lexical para identificar os jogos de palavras e os efeitos de sentidos decorrentes dos enunciados.

Por sua vez, Scheyla Joanne Horst (Unicentro), no artigo “Memória, luto e resistência: as ideias em desenvolvimento no ensaio de Rosa Montero” destaca que o ensaio é um gênero textual que pode causar efeito caleidoscópico em quem lê, partindo do que parece íntimo e se ampliando a questões de maior reverberação social em movimento circular. Nesse sentido, para ilustrar a sua ideia, a pesquisadora mobiliza o ensaio pessoal da escritora espanhola Rosa Montero, intitulado *A ridícula ideia de numa mais te ver*, no qual mituram-se experiências próprias da escritora com as de outra mulher, a cientista Marie Curie. Reverberam, nesta escrita, questões afeitas à memória, luto, feminismo e resistência.

Em “A mentira encenada em Joias de Família, de Zulmira Ribeiro Tavares”, Luciano Dias Cavalcanti (Unicamp), traz uma reflexão sobre a referida obra da autora paulistana. O pesquisador destaca que a obra em tela evidencia uma narrativa que representa as encenações da elite paulistana e que suas personagens atuam através da mentira e da falsa aparência, ações características de seu

meio social. “Através de um realismo singular, Zulmira representa a dinâmica social da burguesia paulistana que pode jogar com a realidade à sua volta, revelando o por detrás das relações sociais.”

Vitor Augusto Werner dos Reis (UNISUL) apresenta o artigo “A possibilidade de um sujeito em Saussure: algumas reflexões sobre o Curso de Linguística Geral”. Nele, o autor reflete sobre a possibilidade de um sujeito na obra de Ferdinand Saussure. Para isso, analisa as questões abordadas pelo mestre genebrino, a saber: dicotomia língua e fala, valor do signo linguístico, as relações sintagmáticas e associativas, enfatizando o caráter mnemônico do eixo associativo.

O pesquisador Danilo de Oliveira Nascimento, da Universidade Federal de Rondonópolis (MT), no artigo “A percepção de lugar e o lugar da percepção na narrativa literária”, discute o processo de experiência perceptiva pelo leitor no lugar da narrativa a partir da fenomenologia da percepção e da geografia humanista. O autor esclarece que “Ao adotarmos essas perspectivas de estudo de lugar na narrativa, consideramos as dinâmicas de intersecção e de perpassagem de/entre instâncias textuais e extratextuais como fundamentais para compreensão do lugar narrativo enquanto fenômeno de temporalidade, eventualidade e duração.”

A obra *A vida invisível* de Eurídice Gusmão (2016), de Martha Batalha, é objeto de análise no artigo “A história da invisibilidade: o livro-vida de Eurídice”, do pesquisador André Eduardo Tardivo (UEM). Com o objetivo de analisar interpretativamente o romance, destacam-se as representações femininas e as questões de trabalho que envolvem as mulheres da primeira metade do século XX. Além disso, o autor reflete sobre a contribuição da escrita para o processo de subjetivação da personagem principal.

Em “A manualização do saber linguístico em um manual de linguagem inclusiva institucional

brasileiro: discursos sobre igualdade de gênero em análise”, Camila Cruz (UFSM) evidencia uma análise discursiva do processo de manualização do saber linguístico em um manual de linguagem inclusiva brasileiro, a saber: *Manual de Linguagem Inclusiva para Editais de Concurso Público (Seleção Pública)* do IFAL (Instituto Federal de Alagoas, 2018). Alicerçada teoricamente na *Análise de Discurso* de orientação francesa, a autora, em seu gesto de interpretação, identifica duas formações discursivas possíveis: não-sexista e inclusiva de gênero.

Davi Gonçalves (UNICENTRO) apresenta o artigo “O pesadelo do Celta: uma tradução revisionista da História de Roger Casement”. Nele, o autor, a partir de pressupostos dos estudos periféricos pós-coloniais e de gênero e sexualidade, visa analisar se é possível compreender a obra *O sonho do celta* (LLOSA, 2011) como uma tradução revisionista da história do diplomata Roger Casement. Por meio de sua análise, o pesquisador sugere que personagens históricos também podem ser traduzidos e retraduzidos por meio da arte.

Em “Eleições presidenciais de 2018: um acontecimento discursivo”, Beatriz Rocha de Oliveira (UESB) e Edivania Gomes da Silva (UESB) visam a apresentar um recorte de uma pesquisa maior e tomam como objeto de pesquisa as eleições presidenciais de 2018. As autoras buscam saber como as eleições se transformaram em um acontecimento discursivo. Para isso, analisaram as publicações dos candidatos no Twitter e trechos de reportagens, que tratam de diferentes aspectos da disputa e foram veiculados na mídia digital. A análise dos dados foi feita com base no arcabouço teórico-analítico da Escola Francesa de *Análise de Discurso* e os resultados apontam dois motivos que permitem dizer que se trata de um acontecimento discursivo. O primeiro motivo indica que esse acontecimento se inscreve em uma rede de memória, vinculada a acontecimentos inscritos na

história e o segundo motivo é que o acontecimento produz um novo domínio de memória, um efeito de novidade.

Camila Maria dos Santos Silva (UECE) e Jariza Augusto Rodrigues (UECE), em “A construção sociocriativa do vocabulário pandêmico: amostras de uma perspectiva não representacional”, discutem, a partir do imbricamento entre língua e práticas socioculturais, o caráter não representacional da língua(gem). Para isso, mobilizam as palavras “rebanho” e “máscara”, que fazem parte do vocabulário pandêmico, visando discutir a relação entre as recategorizações dessas palavras e as motivações históricas, sociais, políticas e culturais decorrentes do contexto de pandemia de Covid-19.

Gladir da Silva Cabral e Renata Fernandes (UFSC) realizam, no artigo “A cultura africana retratada nos livros de literatura infantojuvenil do PNBE”, uma importante discussão sobre a representatividade da cultura negra em livros do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). Consideram que, de certo modo, a cultura africana e dos afrodescendentes brasileiros está presente nas obras distribuídas pelo programa. Para a realização do trabalho, as pesquisadoras realizaram uma análise de conteúdo das obras de literatura infantojuvenil incluídas no referido programa, publicadas em 2013.

O artigo “Neusa Martins Carson: entre a produção e a circulação do conhecimento linguístico”, de Thaís Costa da Silva (UFSM), é resultado de dissertação de mestrado. Centrado na obra da linguista santa-mariense Neusa Martins Carson, que contribuiu para o desenvolvimento das Línguas das línguas indígenas na América do Sul, o trabalho objetivou analisar as posições-sujeito assumidas pela referida linguista em artigos publicados na Revista Letras de Hoje e na Revista do Centro de Artes e Letras.

“Desdenhando de vidas, compactuando com a morte: análise das falas de Bolsonaro

para vilipendiar a vacinação contra COVID-19 no Brasil”, de Maiune de Oliveira Silva (UFCat – Universidade Federal do Catalão), tem como objetivo discutir e analisar trechos de falas do presidente Jair Bolsonaro acerca da aplicação de vacinas no Brasil. Por meio de pesquisa bibliográfica e documental, a autora selecionou entrevistas do presidente concedidas entre julho de 2020 e março de 2021 e versam sobre a produção das candidatas a vacinas, a aprovação dos compostos pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária, além de referirem-se a compra e aplicação dos imunizantes no país. As análises sinalizam, segundo a autora, para um o fato de que “nas escolhas lexicais do presidente há um continuum do movimento antivacina idealizado nos idos oitocentistas, agravado pela praticidade da era digital.”

“Estratégias de argumentação e retórica na construção do ethos do orador em um relato pessoal durante a pandemia de COVID-19”, de Carla Correia, Eliane Farias da Silva e Fabiana Lisboa Ramos Menezes (UFAL), objetiva analisar a construção do ethos da estudante-oradora do relato intitulado EaD na visão de uma Estudante de Escola Pública, disponibilizado na plataforma digital Guicas Covid-19: comunidade escolar, criada pela organização não-governamental Campanha Nacional pelo Direito à Educação. Alicerçadas em Reboul (2004) e Fiorin (2015), dentre outros, as autoras analisam alguns argumentos e figuras de argumentação e retórica, bem como as estratégias argumentativas utilizadas pela oradora e que contribuem para a formação de seu ethos.

Na sequência, o artigo “Uma proposta de produção textual a partir da abordagem imitativa de uma redação nota máxima do ENEM”, de Luciano Araújo Cavalcante Filho (UFC), representa uma contribuição para o ensino de Língua Portuguesa, pois sugere uma atividade didática de produção textual. O autor, a partir da abordagem imitativa proposta por Serafini (2003) e Vieira (2005),

seleciona uma redação-modelo entre os textos nota máxima divulgados na Cartilha do Participante do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e busca formular um modelo prototípico de natureza dissertativo-argumentativo a ser seguido pelos alunos.

“Reflexões sobre a prenda gaúcha: máscaras do/no imaginário riograndense”, de Luana Vargas Aquino (UFSM), explicita algumas considerações sobre a construção das representações da mulher gaúcha dentro do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). Ao selecionar dois capítulos do livro *Ser Peão, Ser Prenda* e uma reportagem intitulada *Primeira trans do Movimento Tradicionalista Gaúcho*, a autora convoca tensionamentos “acerca do imaginário simbólico e social da noção de memória discursiva” a fim de analisar a figura da “prenda, uma representação construída histórica e socialmente através do MTG.

Felipe Soares (UNICENTRO), no artigo “Ao pó retornaremos: Arqueologia em Dark, um Adão segundo a vontade de Eva”, objetiva lançar uma investigação arqueológica mobilizando conceitos como enunciado, arquivo e verdade. Em sua investigação, o autor seleciona como objeto/acontecimento o mito bíblico de Adão e Eva, revisitado, hoje, pela série de TV *Dark* visando “rvidenciar o processo de fabricação de ‘verdades’ no interior das próprias escrituras sagradas/míticas/midiáticas”.

Em “O monstro da grande miséria”: considerações sobre a modernidade no conto ‘As palavras da máquina’, de João do Rio”, Sabrina Ferraz Fraccari (UFSM), baseando-se nas concepções de modernidade pastoral e antipastoral, definidas por Berman (1986), a partir de Baudelaire, objetiva refletir sobre as diferentes perspectivas da modernidade apresentadas pelo narrador e pela máquina no conto *As palavras da máquina*, de João do Rio. Além disso, é sua intenção discutir as suas implicações para o sujeito moderno.

Thiago da Silva Lima e Débora Hettwer Massmann (UFAL) apresentam o artigo “Discurso digital e efeitos de sentido de “preto” na materialidade digital”, visam a analisar o processo de (in)significação de corpos pretos no/pelo espaço digital, que provoca diferentes formas de significação dos sujeitos individuados por instituições outras. Como material de análise, as autoras mobilizam o vídeo “como um preto pode ficar rico no Brasil”, veiculado no canal YouTube thiagofonseca. No gesto de interpretação, questionam “os usos de recursos visuais e os dizeres do sujeito como uma forma de questionar o apagamento de traços subjetivos de si e de seu público para se ajustar ao lugar social da riqueza.”

Apresentados os vinte artigos, desejamos a todos uma boa leitura e já começamos a preparar os outros três números de 2022.

Referências

BARTHES, Roland. 1987. A morte do autor. In: **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, pp. 49-53, 2012.

BARTHES, Roland. **Aula**. Aula Inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Trad. Leyla Perrone-Moyses. São Paulo: Cultrix, 2007.

ORLANDI, Eni. P. **Discursos em análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas, SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do Discurso**. Trad. Eni Orlandi e Graciely Cintra. Campinas/SP: Pontes Editores, 2020.

ROBIN, Régine. **A memória saturada**. Trad. Cristiane Dias, Graciely Costa. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2016.